

Marília Facó Soares
Museu Nacional/UFRJ-CNPq

Áreas Lingüísticas da América Latina: Uma Introdução ao Tema

Este texto e os que se seguem foram apresentados durante a mesa-redonda “Áreas Lingüísticas da América Latina: Novas Perspectivas de Estudo”, ocorrida em 17 de novembro de 1999, no quadro do XI Congresso da Associação de Estudos da Linguagem do Estado do Rio de Janeiro (ASSEL-Rio), realizado na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) no período de 16 a 19 de novembro do mesmo ano. O título da mesa-redonda e do conjunto dos textos encontra a sua referência em uma história que começou em fevereiro de 1999, durante o II Congresso Nacional da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN), que teve lugar na Universidade Federal de Santa Catarina, em Florianópolis (estado de Santa Catarina, Brasil), no período de 25 a 27 de fevereiro de 1999. Nesse congresso, lingüistas - brasileiros e de outras nacionalidades - que realizam investigações sobre línguas ameríndias participaram de uma sessão especial de trabalho convocada pelo GT (Grupo de Trabalho) “Línguas Indígenas” (GT filiado à Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Lingüística (ANPOLL)). Nessa reunião, que foi conduzida pela Dra. Lucy Seki, professora da Universidade Estadual de Campinas e então coordenadora do GT de Línguas Indígenas, constituiu-se o Grupo Permanente de Estudos das Línguas das Áreas Lingüísticas da América Latina (ou A.L.A.L), com o fim principal de promover iniciativas de pesquisa/investigação interinstitucional, iniciativas essas ligadas, entre outras coisas, ao objetivo de aprofundar o conhecimento das línguas indígenas faladas na América Latina. Os participantes das sessões de trabalho em Florianópolis estiveram de acordo em conceber a A.L.A.L como um embrião que, pouco a pouco, iria adquirindo a dimensão necessária para realizar os objetivos traçados (objetivos esses que irão ser mencionados em um dos textos aqui apresentados). Ainda em Florianópolis, projetou-se uma reunião de indo-americanistas para o congresso da ALFAL, com realização em agosto do mesmo ano de 1999, em Santiago do Chile. O mês de agosto chegou e a idéia do Grupo Permanente foi veiculada por seus membros fundadores em dois congressos: o I Congresso sobre Línguas Indígenas da América do Sul (realizado em Lima, Peru, de 04 a 06 de agosto de 1999) e o XII Congresso da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina -ALFAL (realizado, em Santiago do Chile, de 09 a 14 de agosto de 1999). Em Lima,

pôde-se apresentar a idéia do Grupo Permanente, obteve-se uma lista de participantes com seus endereços, com o fim de se ir criando uma espécie de diretório, e definiram-se determinados coordenadores areais. Em Santiago, a apresentação do Grupo deu-se no quadro de um Encontro de Investigadores conduzido por Lucy Seki. Aí a discussão foi desencadeada pela leitura de um texto-base, resultado de um trabalho realizado por Lucy Seki sobre pormenores da investigação/pesquisa das línguas indígenas no Brasil. Como resultado da discussão, chegou-se à decisão unânime de que se devia assinalar, como tarefa imediata e como passo essencial para a consecução dos objetivos do Grupo Permanente, a realização de um projeto voltado para o “ Levantamento da informação sobre o estado da investigação em línguas indígenas da América Latina” e para a conseqüente criação de um banco de dados ou diretório, uma espécie de “Quem é quem” na Lingüística Ameríndia Latino-americana - uma vez que isso permitiria estabelecer os contatos tanto institucionais como individuais necessários para a realização de tarefas e objetivos propostos. A decisão tomada nesse Encontro de Investigadores foi apresentada à Assembléia Geral da ALFAL, que a aprovou.

Os textos que se seguem constituem uma abertura de diálogo, precedendo outras sessões de trabalho durante as quais estará tomando corpo o projeto em causa. Como uma sessão que antecipa aquelas que virão mais à frente, a mesa-redonda que mencionamos amplia o seu raio de diálogo, combinando memória e novos interlocutores. Parte da memória encontra-se nesta introdução e no texto de Diego Quesada (Universidade de Toronto)¹. Entre os novos interlocutores estão Consuelo Alfaro (UFRJ), Jon Landaburu (C.C.E.L.A e CNRS) e Ataliba de Castilho, professor da USP e atual presidente da A.L.F.AL.

Amplinado o seu raio de interlocução, a mesa - que teve por objetivo principal a discussão de aspectos relativos a áreas lingüísticas no interior da América Latina - abordou questões relevantes ligadas ao estudo de línguas indígenas, do espanhol e do português, e questões vinculadas à relação entre línguas. Essas questões se fizeram presentes nos textos apresentados de mais de uma maneira.

O texto de Ataliba de Castilho dá atenção especial às perspectivas de estudo das áreas lingüísticas da América Latina. A proposta básica contida no texto é a da instauração de um debate sobre as responsabilidades de nossas associações científicas em um mundo globalizado, sendo parte desse debate a discussão de uma programação de pesquisas que ajude a buscar parcerias entre colegas pertencentes a diferentes países da América Latina. A busca de parcerias, no caso, está associada à busca de conhecimento da complexa realidade lingüística do mundo latino-americano - o que inclui investigações sobre línguas indígenas, sobre as línguas românicas e outras línguas trazidas para o espaço desse mundo, sobre os crioulos de base espanhola, portuguesa e francesa, além de pesquisas sobre a literatura latino-americana. No caso específico das línguas indígenas, o texto não só focaliza os importantes temas da educação indígena e o da incorporação de indígenas como pesquisadores de suas próprias línguas, mas também traz, como sugestão, uma alternativa promissora e capaz de levar a uma grande realização científica conjunta - alternativa essa que, para a sua realização, depende principalmente daqueles que trabalham no âmbito da Lingüística Indígena.

¹ A autora desta introdução e J. Diego Quesada estão entre os membros fundadores da A.L.A.L.

O texto de Diego Quesada movimenta-se entre os aspectos da investigação lingüística na América Latina que tornaram essa investigação algo complicado e as possibilidades de integração dos lingüistas latino-americanos no campo da lingüística ameríndia. A perspectiva delineada pelo autor corresponde à sua experiência de pesquisa quer no âmbito da lingüística hispânica, quer no da lingüística ameríndia, sendo que as generalizações feitas no texto - provenientes primordialmente da sua experiência de trabalho na América Central² - podem-se aplicar a outras partes da América Latina. No caminho para identificar os fatores que tornaram complicada a investigação lingüística na América Latina, são ressaltados no texto os aspectos históricos e sociológicos ligados a essa investigação. Na abordagem dos aspectos históricos, é estabelecida uma distinção entre o desenvolvimento da lingüística hispânica e aquele da lingüística ameríndia. E, no que diz respeito aos aspectos de natureza sociológica, ressaltam-se aqueles que envolvem a conduta e as práticas no interior da Lingüística em nível internacional, alguns dos quais contribuíram e contribuem para o fenômeno da “periferização” dos lingüistas latino-americanos e de seus trabalhos, em geral. Colocando-se na direção da integração dos lingüistas latino-americanos no campo da lingüística ameríndia, o texto aborda a constituição do Grupo Permanente de Estudo das Línguas das Áreas Lingüísticas da América Latina (A.L.A.L), considerando os seus objetivos gerais e específicos, as suas possibilidades de atuação e, conseqüentemente, de rompimento dos aspectos históricos e sociológicos que constituem obstáculo ao estudo da diversidade lingüística latino-americana.

Também incluindo a diversidade lingüística entre os seus temas está o texto de Consuelo Alfaro. O tema da diversidade é abordado com o objetivo de contribuição para um balanço histórico do destino das línguas na América Latina, assumindo-se, nessa abordagem, o ângulo das políticas lingüísticas que atingiram e atingem as línguas indígenas. Utilizando uma representação do passado na tradição andina como metáfora e partindo do ponto de vista de que um olhar histórico pode contribuir para dar inteligibilidade ao presente, a autora lida com o intervencionismo e o planejamento que integraram o processo histórico da conquista. No bojo desse processo - que “transformou a experiência coletiva e individual, com conseqüências nas formas e usos lingüísticos das comunidades e nas atitudes dos falantes ante suas próprias línguas e as demais” - são tratadas as estratégias políticas que, lidando necessariamente com a diversidade e as dificuldades de intercompreensão, passaram, entre outras coisas, pela aceitação de línguas gerais indígenas e integraram o projeto de redução da variedade lingüística. Como subsídios para avaliar a formulação da política lingüística na Ameríndia, são levados em consideração o papel da escrita e da tradução, além do modelo de política lingüística castelhana então em curso na península ibérica. Também são observados no texto os caminhos seguidos na descrição lingüística durante os primeiros cem anos da conquista, as conseqüências daí advindas, juntamente com os fatores que fizeram com que a produção de gramáticas e vocabulários de línguas ameríndias fosse contemporânea à de línguas vulgares na Europa. O ordenamento da

² O autor trabalha com línguas indígenas pertencentes à família Chibcha, localizando-se a sua experiência de trabalho de campo na América Central e, ultimamente, também na América do Sul (Venezuela).

máquina social é relacionado à realidade sociolingüística produzida pela conquista, sendo mostradas as escolhas políticas que fizeram com que se chegasse à composição do modelo arquetípico da língua quechua e com que as línguas indígenas fossem consideradas veículos de catequese. Afastando-se no tempo e entrando na modernidade, o texto mostra como se instituiu o modelo de desagregação lingüística em que o papel desagregador é conferido às línguas indígenas. O texto mostra ainda como, relembrando posições encontradas nos séculos XVI e XVII, convivem no nosso cotidiano a interação de dois extremos de discursos oscilantes envolvendo a diversidade lingüística e a representação das línguas ameríndias.

O texto de Jon Landaburu lida com a realidade lingüística da Colômbia, estando voltado para desenvolvimentos que, nesse país, recentemente se deram no quadro da Lingüística Ameríndia. Trata-se de um texto que focaliza a investigação contemporânea, mais especificamente o programa da constituição da base de dados do Centro Colombiano de Estudos de Línguas Aborígenes (C.C.E.L.A.). Tendo como referência básica a realidade lingüística da Colômbia (país em que existem sessenta e cinco línguas indígenas, duas línguas crioulas e onde o castelhano real se manifesta através de um grande número de variantes regionais relativamente distantes entre si), o texto traça os caminhos percorridos em uma história recente e mostra os resultados alcançados até o momento. A história, no caso, inicia-se nos primeiros anos da década de oitenta, quando se colocou em curso, na Universidade dos Andes e com a cooperação do CNRS, uma operação para a formação de lingüistas colombianos, operação essa que redundou na criação do C.C.E.L.A. - centro que articula atualmente cinqüenta investigadores (entre os quais doze indígenas) que trabalham com quarenta línguas ameríndias. O projeto de constituição da base de dados do C.C.E.L.A. (base de dados informatizados e cartografados) surge em 1991, apresentando, entre as suas vantagens, segundo o autor, o fato de que os coletores dos dados seriam lingüistas formados na mesma escola e comprometidos em discutir, na instituição, todos os problemas epistemológicos e práticos delineados por esse empreendimento - o que significa que os dados seriam controláveis cientificamente por todo o grupo e relativamente homogêneos em termos de opções teóricas. O texto mostra as escolhas realizadas quanto ao modo de apresentação e coleta dos dados, dando atenção ao sistema de gestão dos mesmos. São apresentados os resultados em termos das línguas alcançadas pela pesquisa, assim como o estado atual da base de dados no tocante ao componente fonético-fonológico, ao léxico, ao componente gramatical. Da mesma forma, o texto mostra em que situação se encontra, no momento, o questionário sociolingüístico que serve à base de dados. Apresentando as principais características do programa que vem se desenvolvendo no C.C.E.L.A., o texto exemplifica um modo de se lidar com um determinado conjunto de línguas, línguas que implicam riqueza tipológica e mesmo graus diferenciados de variação interna. Em outros termos, a partir de um programa de constituição de base de dados, trata o texto de uma maneira de se abordar a diversidade lingüística, associando-se a essa abordagem uma dimensão comparativa, areal ou genética.

Todos os textos aqui apresentados trazem uma contribuição própria e se colocam, nos pontos que os une e naqueles que os distinguem, como peças importantes de reflexão: uma reflexão que, levando em conta a realidade lingüística da América Latina, pode-se dar sobre aspectos potenciais de pesquisa conjunta e sobre o levantamento de informações/constituição de arquivos e bases de dados.